

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 23 • 2016/2017

A
RUI BOAVENTURA
HOMENAGEM À SUA MEMÓRIA



Editores Científicos: João Luís Cardoso e Rui Mataloto

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2016/2017

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 23 • 2016/2017 ISSN: 0872-6086

EDITORES CIENTÍFICOS DESTA VOLUME - João Luís Cardoso e Rui Mataloto
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Graficamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

ÍNDICE GERAL / CONTENTS

PAULO VISTAS Prefácio <i>Foreword</i>	9
JOÃO LUÍS CARDOSO & RUI MATALOTO Apresentação <i>Presentation</i>	11
RUI MATALOTO & JOÃO LUÍS CARDOSO Rui Boaventura (1971-2016), apontamento biográfico e bibliografia <i>Rui Boaventura (1971-2016), biographical note and bibliography</i>	13
RUI MATALOTO, MARCO ANTÓNIO ANDRADE & ANDRÉ PEREIRA O Megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema <i>The Megalithism of small dolmens: new data to an old problem</i>	33
ANDREA MARTINS Entre o Atlântico e o Maciço Calcário Estremenho: a arte rupestre da Estremadura <i>Between the Atlantic and the Maciço Calcário Estremenho: the rock art of Estremadura</i>	157
ANTÓNIO CARLOS VALERA & LINO ANDRÉ Aspectos da interacção transregional na Pré-história Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as conchas e moluscos nos Perdígões <i>Views on the transregional interaction in Iberian Southwest Recent Prehistory: questioning the shells and molluscs from Perdígões</i>	189
ANA MARIA SILVA & MARIA TERESA FERREIRA Perscrutando espólios antigos 5: Contributo da análise dos restos ósseos humanos <i>Examining old remains 5: the contribution of the study of human bones</i>	219
JOÃO LUÍS CARDOSO & FILIPE MARTINS O povoado pré-histórico do Outeiro Redondo (Sesimbra): Resultados das campanhas de escavação de 2013 e 2014 <i>The chalcolithic fortified settlement of Outeiro Redondo (Sesimbra): Results of 2013 and 2014 field seasons</i>	233

JOÃO LUÍS CARDOSO	
Correspondência epistolar remetida por eminentes pré-historiadores espanhóis ou que trabalharam essencialmente em Espanha a José Leite de Vasconcelos (1853-1941)	
<i>Correspondence sent by eminent Spanish pre-historians or who worked mainly in Spain to José Leite de Vasconcelos (1853-1941)</i>	393
ANA CATARINA SOUSA	
Os tempos do Neolítico na região de Lisboa: o povoamento	
<i>Times in the Neolithic from the region of Lisbon: the settlements</i>	459
DIRK BRANDHERM, MICHAŁ KRUEGER & JOÃO LUÍS CARDOSO	
Um novo método para a datação absoluta de ossos humanos cremados: a cabana 2 do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Portugal)	
<i>A new method for the absolute dating of cremated human bones: hut 2 at Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Portugal)</i>	519
JOÃO LUÍS CARDOSO	
A ocupação do Bronze Final do Centro Histórico de Oeiras. Os materiais da Rua das Alcássimas	
<i>Late Bronze materials recovered in the Historic Center of Oeiras. The artifacts of Rua das Alcássimas</i>	531
CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS	
Relatório das actividades desenvolvidas em 2016	
<i>Report on activities carried out in 2016</i>	555

**A OCUPAÇÃO DO BRONZE FINAL DO CENTRO HISTÓRICO DE OEIRAS.
OS MATERIAIS DA RUA DAS ALCÁSSIMAS**

***LATE BRONZE MATERIALS RECOVERED IN THE HISTORIC CENTER OF OEIRAS.
THE ARTIFACTS OF RUA DAS ALCÁSSIMAS***

João Luís Cardoso¹

Abstract

In this paper we present Late Bronze materials recovered at the Historic Center of Oeiras. This large assemblage of plain and decorated containers, the last with the technique of “burnished ornaments” is associated with denticulated sickle’s flint flakes and an ivory comb. These findings are discussed within the framework of the Late Bronze Age society of the region on or of the north bank of the mouth of the Tagus, dating from the earliest trade contacts with the Central and Eastern Mediterranean of the beginnings of the first millennium BC.

Keywords: Burnished ceramics, ivory, Late Bronze Age, Tagus river mouth.

1 – INTRODUÇÃO

A descoberta acidental, em 1903, do chamado mosaico romano de Oeiras, posto a descoberto aquando da abertura de um piso térreo em prédio setecentista sito na Rua das Alcássimas, não foi seguida a duas pretendia remoção para o então Museu Etnológico, conforme era desejo do seu então director, José Leite de Vasconcelos. Foi só após a aquisição do prédio pela Câmara Municipal de Oeiras, na década de 1990, que se criaram as condições para o estudo exaustivo daquela importante peça musiva, com o desenho integral do que dela ainda restava (GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996). Este trabalho antecedeu a indispensável consolidação do mosaico, a qual se iniciou com a sua remoção integram, realizada em 1999 por técnicos especialistas do Museu Monográfico de Conímbriga. Por outro lado, esta operação veio possibilitar a realização de escavação do espaço ocupado pelo próprio mosaico, tendo em vista a identificação de pré-existências materiais, dado que, no próprio espaço associado à *villa* romana, havia conhecimento de materiais remontando ao final da Idade do Ferro (séculos III/II a.C.), entretanto publicados (CARDOSO, 1996 a).

O facto de a Câmara Municipal de Oeiras ter destinado o edifício ao Programa Habitação Jovem, permitiu alargar a área das escavações a todo o piso térreo do mesmo, subordinando os sectores escavados à compartimentação interior daquele espaço, conforme se apresenta na Fig. 1.

¹Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

Os trabalhos de campo iniciaram-se logo em 2000, tendo suporte legal no Projecto de Investigação dirigido pelo signatário, “Arqueologia do Concelho de Oeiras”, superiormente aprovado pelo então IGESPAR. As escavações, feitas igualmente sob responsabilidade do Autor, prolongaram-se até 2007, interessando, sucessivamente, as seguintes salas:

- Ano de 2000: sala 1
- Ano de 2004: sala 2 e 3
- Ano de 2005: sala 2, 3 e 4
- Ano de 2006: salas 1, 2, 3, 4, 5
- Ano de 2007: salas 1, 3, 4, 6.

Com efeito, os materiais recuperados nesta importante intervenção de Arqueologia Urbana revelaram, como é usual neste tipo de trabalhos, cronologias desde o final do Calcolítico até à Época Moderna. Merecem destaque, no respeitante à presença pré-histórica, os fragmentos de cerâmicas campaniformes, alguns profusamente decorados por linhas incisadas, da segunda metade do 3.º milénio a.C., sucedidos por outros materiais do Bronze Final, agora estudados. Sucede-se ocupação do final da Idade do Ferro / Período Republicano (séculos III/II a.C.), representada por estruturas de alvenaria de planta ortogonal associadas a materiais daquela época, antecedendo imediatamente a presença romana imperial, que atestam a ocupação do local desde o século I ao século IV d.C. (CARDOSO, 2011).

No presente trabalho, publica-se o conjunto reportável ao Bronze Final, atendendo à assinalável quantidade de espólios e às questões que o estudo do mesmo suscitou, deixando-se para publicações ulteriores o estudo dos materiais da Idade do Ferro e de época romana.

2 – GEOMORFOLOGIA E CONDIÇÕES DE JAZIDA

O local dos achados do Bronze Final corresponde à parte inferior de uma encosta suave, situada em pela área do Centro Histórico de Oeiras (Fig. 2) voltada a Sudoeste, a cerca de 150 m da ribeira da Laje, que passa a Oeste, distanciando-se, por seu turno, cerca de meio quilómetro da praia de Santo Amaro de Oeiras (Fig. 3). Os materiais dispersavam-se pelas diversas salas do piso térreo do prédio, o qual foi quase inteiramente escavado, conforme se indica na Fig. 1. Nenhuma peça se encontrava *in situ*, jazendo na parte inferior dos depósitos assentes no substrato geológico, constituído por calcários margosos do Cenomaniano superior, conforme se comprova através das respectivas profundidades de recolha registadas:

Quadro 1 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Profundidades de recolha dos espólios do Bronze Final nas diversas salas escavadas do piso térreo do prédio ali existente

Sup-15	5-20	15-30	20-40	25-30	30-45	45-60	60-75	75-90	90-105	105-120	120-135
S1		S1	S1				S1		S1		
	S2	S2					S2	S2		S2	
					S3		S3	S3	S3	S3	S3
				S4			S4	S4	S4	S4	S4
S5					S5	S5	S5	S5	S5		



Fig. 2 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Ortofotomapa com a implantação do sítio arqueológico, no Centro Histórico de Oeiras.

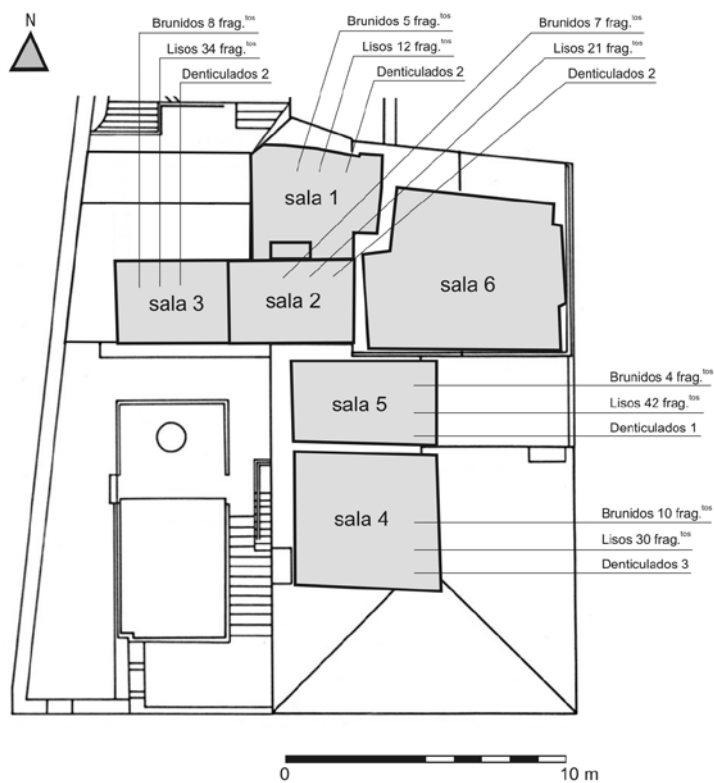


Fig. 3 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Planta do piso térreo do prédio de fundação setecentista, com a implantação das divisões nele existentes, indicando-se a quantidade de espólios do Bronze Final recolhidos em cada uma delas.

O facto dos espólios cerâmicos não se apresentarem rolados, significa que a sua origem não pode situar-se longe. Provavelmente, corresponderá a sector da encosta imediatamente a montante do local, de onde provieram por transporte superficial. Com efeito, entre a ocupação do Bronze Final e a ocupação imediatamente seguinte, do final da Idade do Ferro – em que, pelo contrário, é possível associar estruturas a espólios daquela época – medeiam cerca de seis séculos em que o local poderia ter estado desabitado, explicando-se assim as acções de transporte naturais observada.

3 – ESPÓLIOS

3.1 – Produções cerâmicas

3.1.1 – Cerâmicas lisas

O número de fragmentos de recipientes lisos identificáveis ascende a 139 exemplares, dos quais 109 apresentam bordo, representando-se nas Fig. 5 a Fig. 11. A análise morfo-dimensional detalhada e quantificada das produções cerâmicas recolhidas na estação da Rua das Alcássimas recorreu aos resultados da classificação tipológica do conjunto do pequeno povoado de encosta da Tapada da Ajuda, Lisboa (CARDOSO & SILVA, 2004) e do casal agrícola do Abrunheiro, Oeiras (CARDOSO, 2010-2011 a).

No conjunto das formas cerâmicas da Rua das Alcássimas pode observar-se (Fig. 4) a clara predominância dos recipientes fechados sobre os abertos. O grupo dos potes, com 50,3% das formas consideradas na análise, constitui a maior e também o mais diversificado subconjunto em estudo. O segundo grupo mais abundante integra taças carenadas, simples e de perfil suave, destacando-se claramente as taças carenadas, com 17,9% do total.

Ao desdobrar o conjunto dos seis grandes grupos, identificaram-se catorze formas de recipientes assim individualizados:

- **Taças carenadas**

- Carena alta: 7 exemplares (Fig. 5, n.º 23; Fig. 6, n.ºs 4, 12, 17; Fig. 9, n.ºs 3, 5, 9);

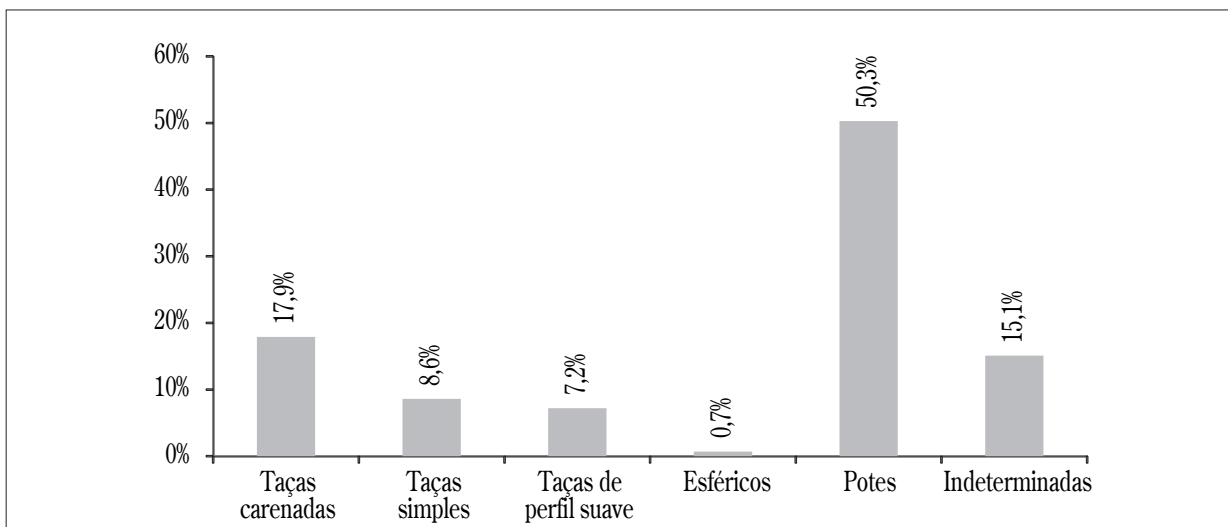


Fig. 4 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Histograma de frequência percentual das morfologias dos recipientes lisos.

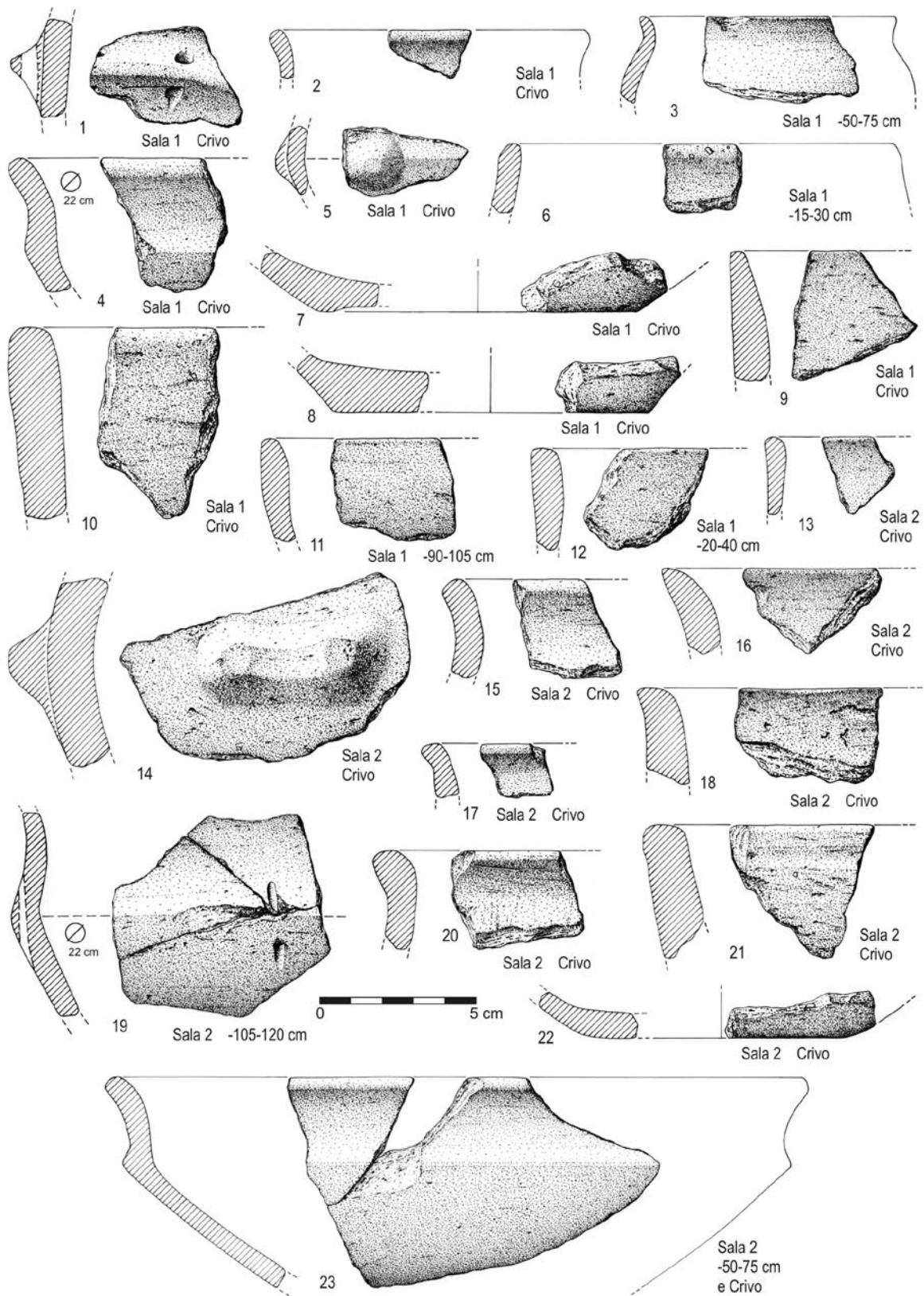


Fig. 5 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Cerâmicas lisas do Bronze Final.

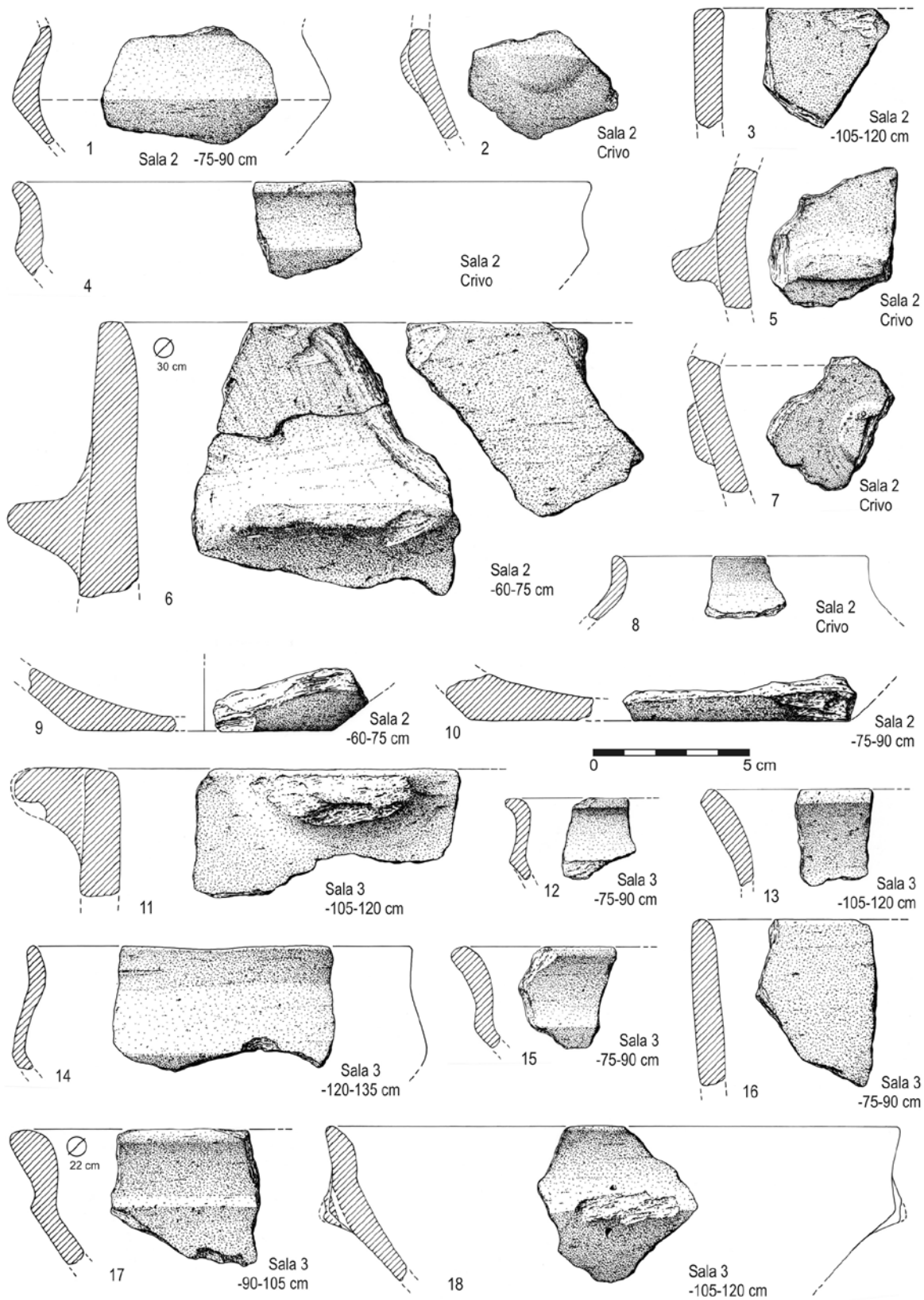


Fig. 6 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Cerâmicas lisas do Bronze Final.

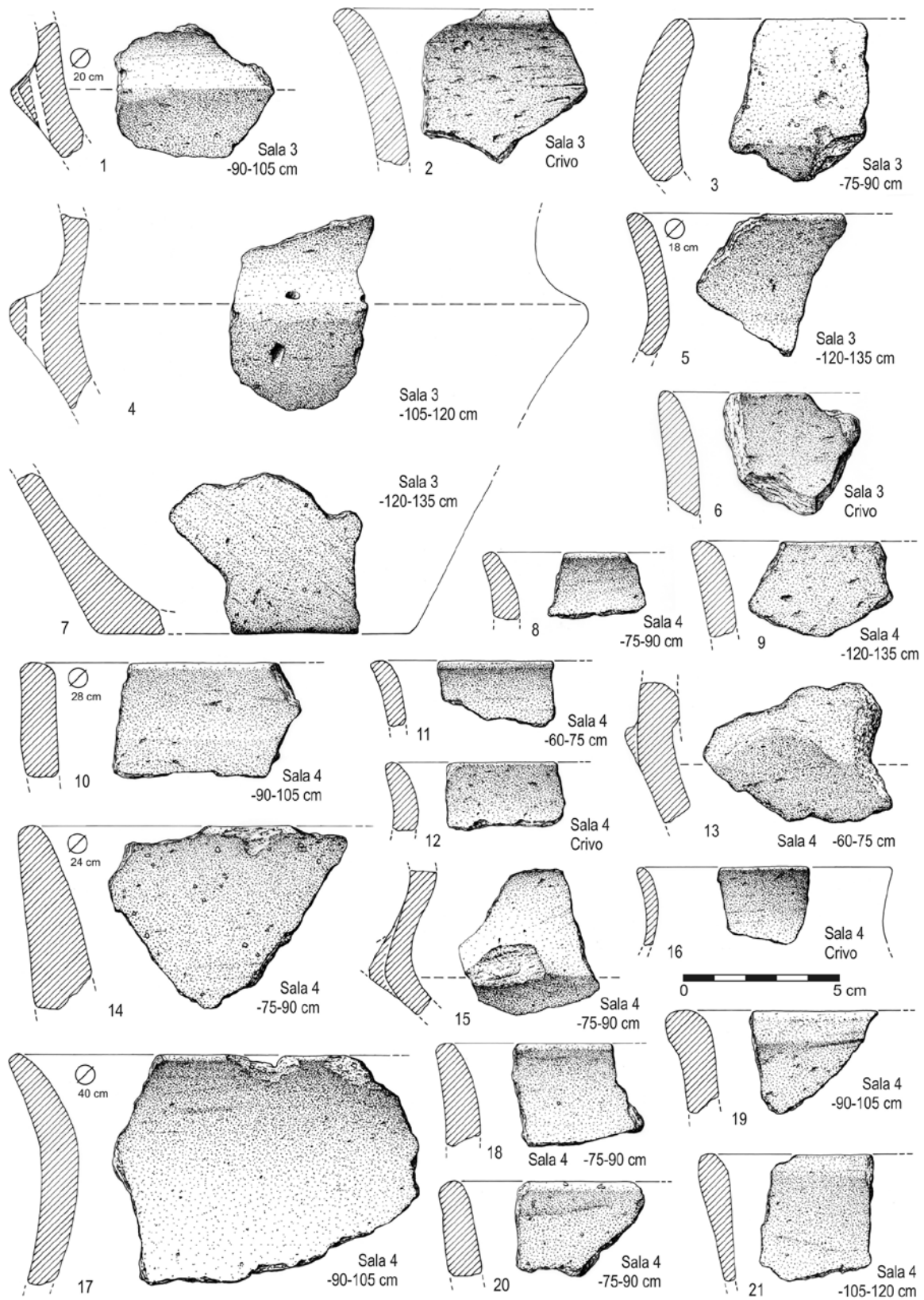


Fig. 7 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Cerâmicas lisas do Bronze Final.

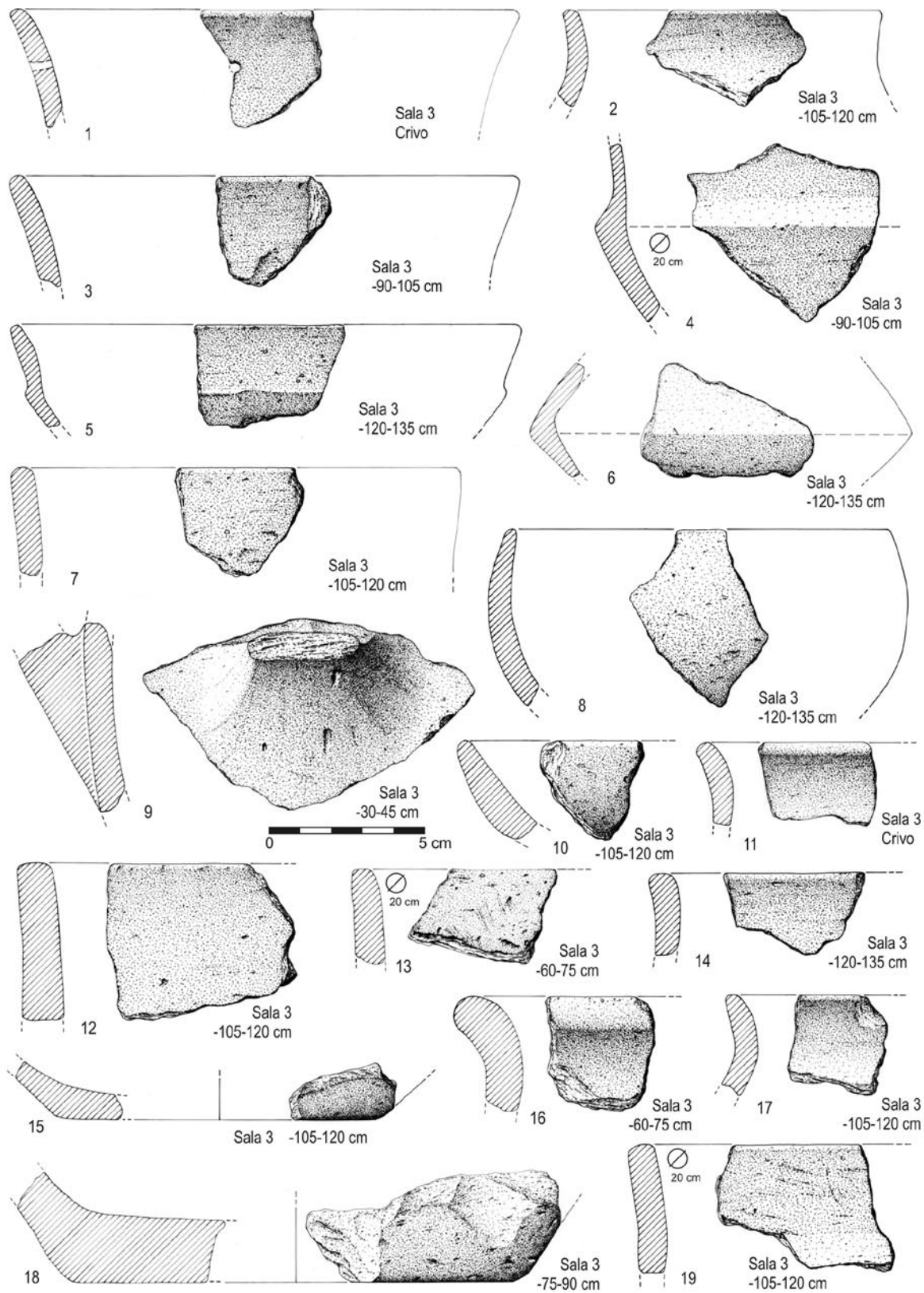


Fig. 8 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Cerâmicas lisas do Bronze Final.

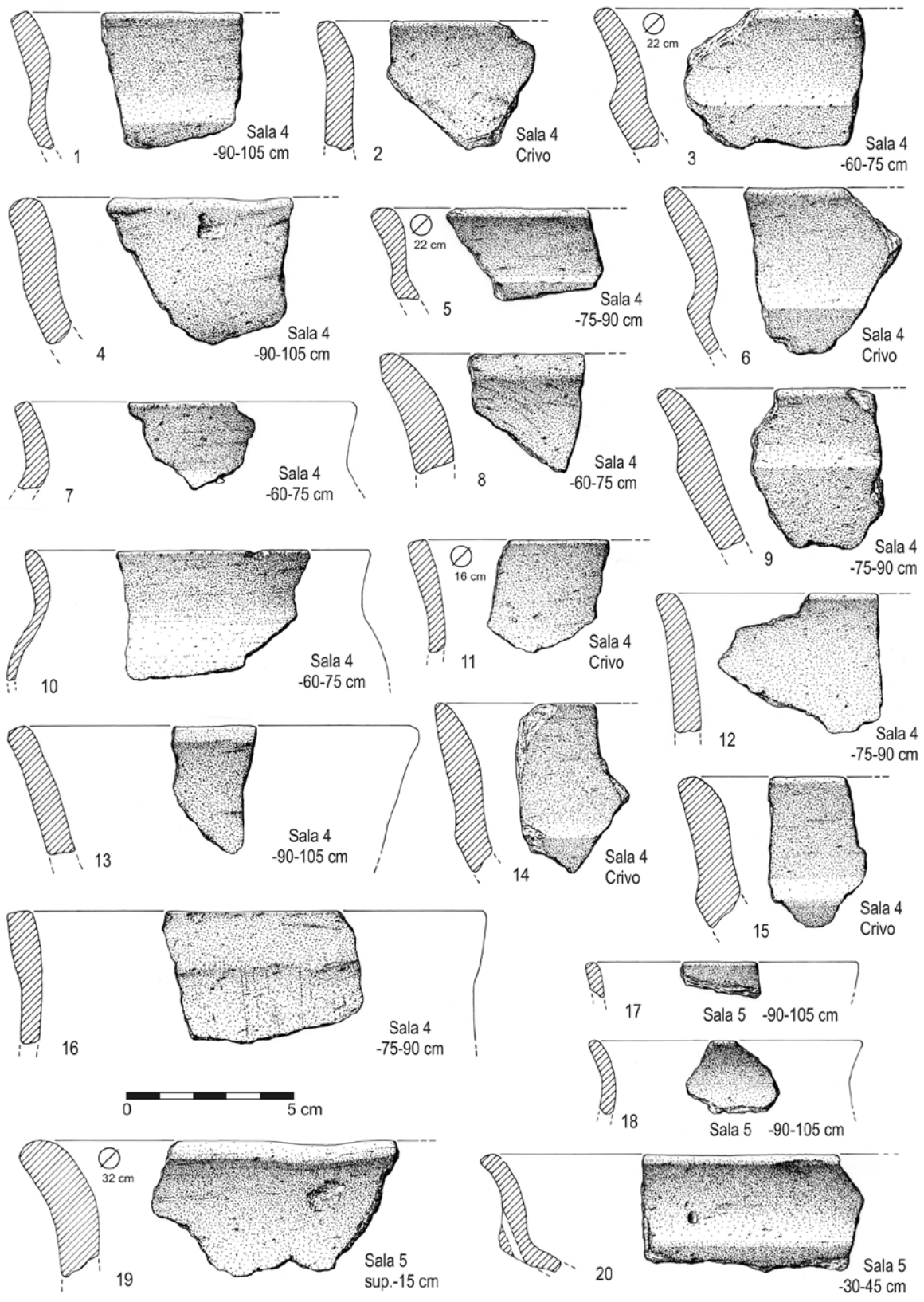


Fig. 9 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Cerâmicas lisas do Bronze Final.

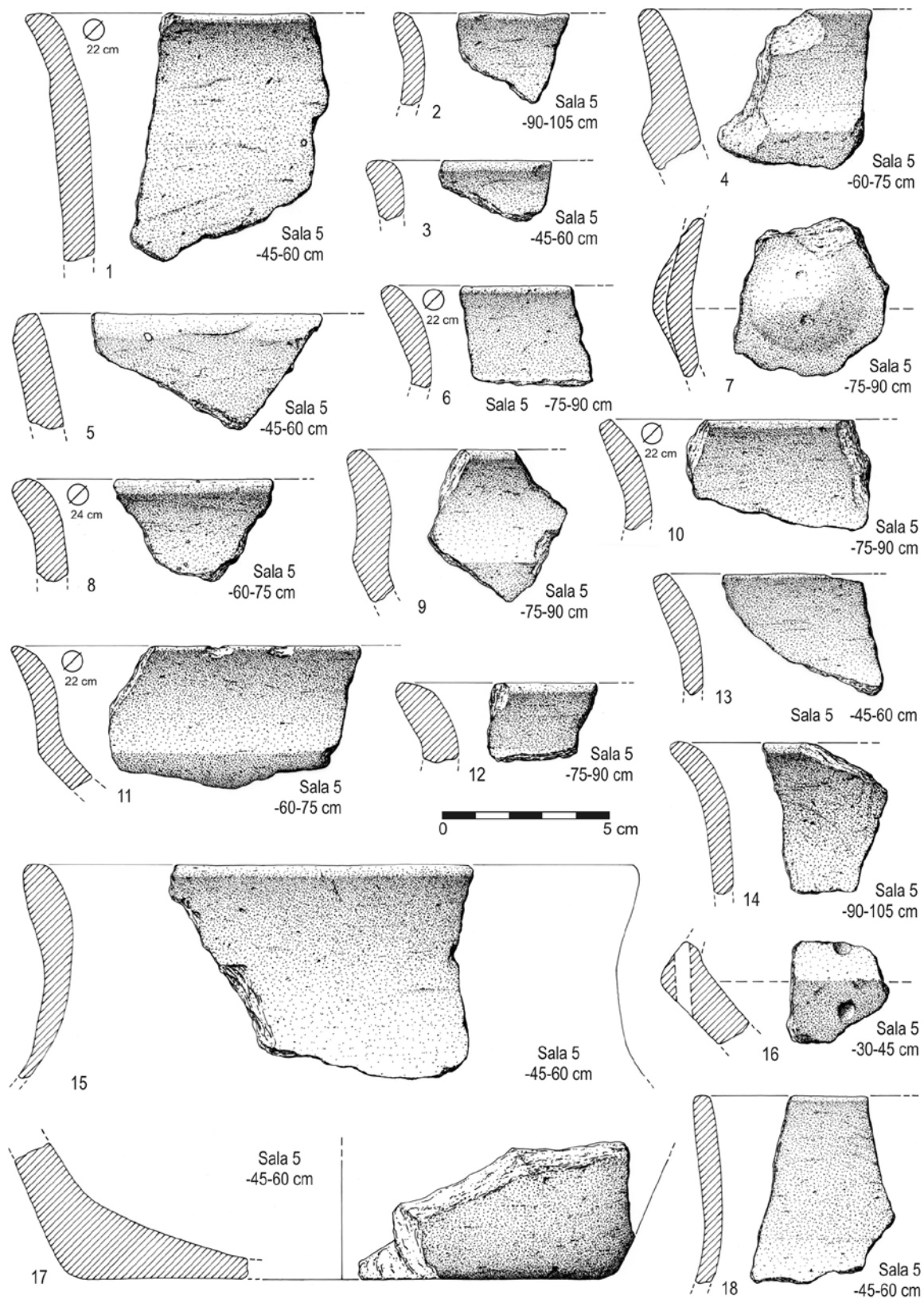


Fig. 10 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Cerâmicas lisas do Bronze Final.

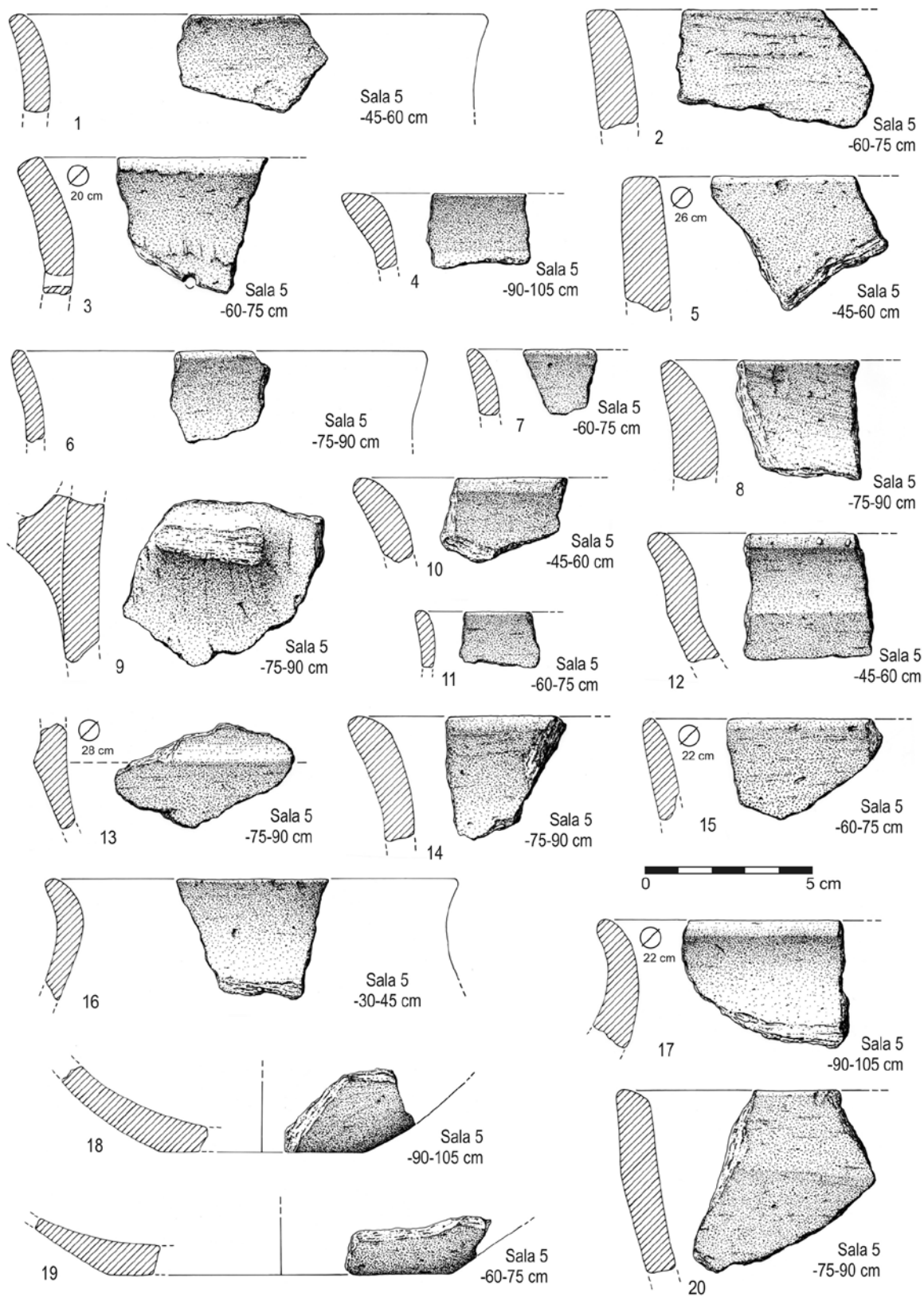


Fig. 11 - Rua das Alcássimas (Oeiras). Cerâmicas lisas do Bronze Final.

- Carena média: 15 exemplares (Fig. 5, n.º 4; Fig. 6, n.ºs 15, 18 (com mamilo perfurado na carena); Fig. 7, n.ºs 4, 5; Fig. 8, n.º 1 (com mamilo), 4 (com perfuração na carena); Fig. 9, n.ºs 1, 6, 14, 15; Fig. 10, n.ºs 4, 9, 11; Fig. 11, n.º 12);
 - Carena baixa: 1 exemplar (Fig. 9, n.º 20, com carena perfurada);
 - Carena indeterminada: 2 exemplares (Fig. 10, n.º 16, com perfuração; Fig. 11, n.º 13).
- **Taças simples**
 - Recolheram-se 12 exemplares (Fig. 5, n.ºs 11, 21; Fig. 7, n.º 10; Fig. 8, n.ºs 9 e 10, 20; Fig. 9, n.ºs 4, 13, 17; Fig. 10, n.º 5; Fig. 11, n.ºs 15, 20);
- **Taças de perfil suave**
 - Recolheram-se 10 exemplares (Fig. 5, n.ºs 16, 17; Fig. 6, n.º 13; Fig. 7, n.ºs 1, 3; Fig. 8, n.ºs 11, 21; Fig. 9, n.º 2; Fig. 11, n.ºs 4, 10).
- **Esféricos**
 - Recolheu-se apenas 1 exemplar (Fig. 7, n.º 8).
- **Potes**
 - Colo extrovertido: 26 exemplares (Fig. 5, n.ºs 3, 15, 19; Fig. 6, n.ºs 1, 8, 14; Fig. 7, n.ºs 2, 6, 17; Fig. 8, n.ºs 5, 12, 15, 16, 17; Fig. 9, n.ºs 7, 10, 18; Fig. 10, n.ºs 2, 6, 10, 12, 15, 18; Fig. 11, n.ºs 3, 16, 17);
 - Colo de paredes reentrantes: 2 exemplares (Fig. 5, n.º 6; Fig. 8, n.º 3);
 - Colo de paredes subverticais: 30 exemplares (Fig. 5, n.ºs 2, 18, 20; Fig. 7, n.ºs 11, 14, 16, 19; Fig. 8, n.ºs 2, 6, 8, 14, 18, 19; Fig. 9, n.ºs 8, 11, 12, 16, 19; Fig. 10, n.ºs 1, 3, 8, 13, 14; Fig. 11, n.ºs 1, 2, 6, 7, 8, 11, 14);
 - Potes de corpo cilindróide: 12 exemplares (Fig. 5, n.ºs 9, 10, 12, 13; Fig. 6, n.ºs 3, 6 (com pega), 11 (com pega), 16; Fig. 7, n.ºs 7, 12, 13; Fig. 11, n.º 5).
- **Formas indeterminadas**
 - Elementos de prensão e de suspensão, quando perfurados (asas, pegas e mamilos): 10 exemplares (Fig. 5, n.ºs 1, 5, 14; Fig. 6, n.ºs 2, 5 e 7; Fig. 7, n.º 9; Fig. 8, n.º 13; Fig. 10, n.º 7; Fig. 11, n.º 9);
 - Fundos planos: 10 exemplares, correspondentes em geral a grandes vasos de armazenamento (Fig. 5, n.ºs 7, 22; Fig. 6, n.ºs 9 e 10; Fig. 7, n.ºs 15 e 18; Fig. 8, n.º 7; Fig. 10, n.º 17; Fig. 11, n.ºs 18 e 19);
 - Fundos ligeiramente côncavos: 1 exemplar (Fig. 5, n.º 8).

Face aos resultados apresentados, a distribuição tipológica das produções cerâmicas apresenta-se no Quadro 2.

Quadro 2 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Distribuição tipológica das produções cerâmicas lisas

Formas cerâmicas		N.º de fragmentos	%
Taças carenadas	carena alta	7	5,0
	carena média	15	10,8
	carena baixa	1	0,7
	carena indeterminada	2	1,4
Taças simples		12	8,6
Taças de perfil suave		10	7,2
Esféricos		1	0,7
Potes	colo extrovertido	26	18,7
	colo de paredes reentrantes	2	1,4
	colo de paredes subverticais	30	21,6
	corpo cilíndrico	12	8,6
Formas indeterminadas	Elementos de suspensão e prensão	10	7,2
	Fundos planos	10	7,2
	Fundos ligeiramente côncavos	1	0,7
Total		139	100

Os potes, como se referiu, correspondem ao grupo de maior importância numérica. Foram subdivididos em quatro subtipos:

- de colo extrovertido;
- de paredes reentrantes;
- de paredes subverticais;
- de corpo cilíndrico.

A distribuição percentual de cada um dos subtipos referidos apresenta-se na Fig. 12:

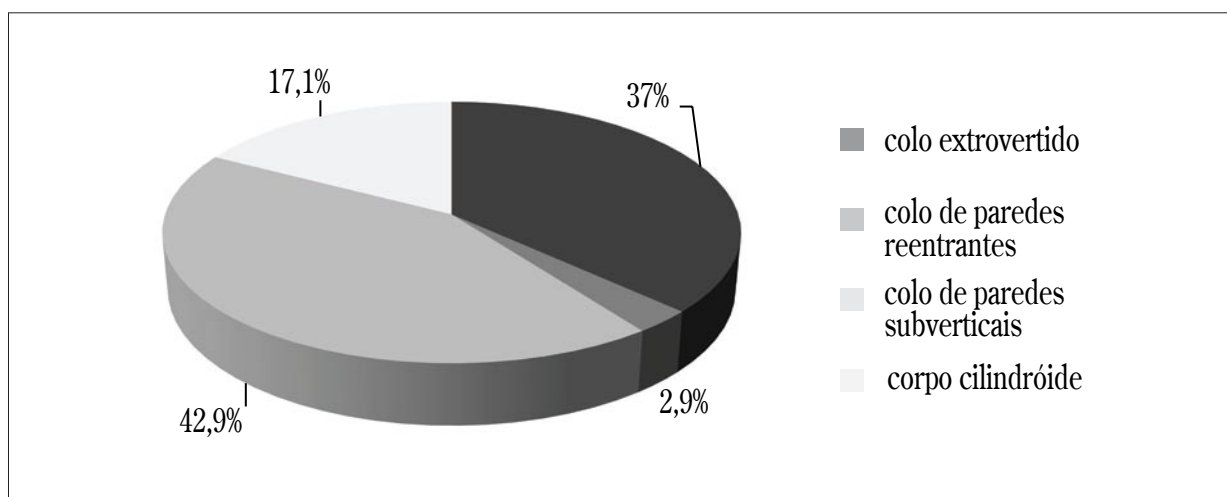


Fig. 12 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Tipologia dos potes.

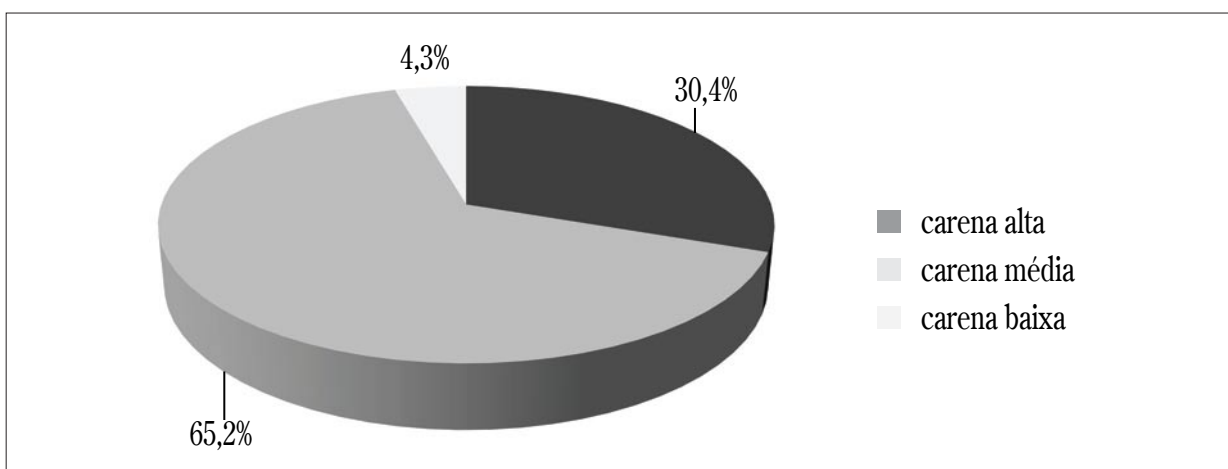


Fig. 13 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Tipologia das taças carenadas.

Verifica-se que a maioria dos potes possui colo de paredes subverticais, com 42,9%, seguido dos potes de colo extrovertido, também com elevada percentagem (37%). É provável que os diversos formatos tivessem correspondência em utilizações diferenciadas, mas afigura-se que estas, no caso dos potes, se devem reflectir sobretudo, nas respectivas dimensões. Assim, os exemplares com diâmetros menores serviriam provavelmente para conservar produtos ou ingredientes culinários ou medicinais (como por exemplo os recipientes da Fig. 4, n.º 3; Fig. 5, n.º 14), enquanto que os de maiores diâmetros serviriam para o armazenamento de líquidos ou cereais (Fig. 9, n.º 15).

As taças carenadas são o segundo grupo mais representativo, com 17,9% do conjunto, podendo ser subdivididas em quatro subtipos:

- taças com carena alta;
- taças com carena média;
- taças com carena baixa.

Este conjunto, como se verifica na Fig. 13, é dominado pelas taças de carena média, que apresentam uma percentagem de 65,2%, semelhante ao verificado no povoado da Tapada da Ajuda, com 68% (CARDOSO & SILVA, 2004). Seguem-se as taças de carena alta, com 30,4%, e finalmente com pouca representatividade no conjunto das taças, as de carena baixa, com 4,3%.

No que respeita às dimensões, a Fig. 14 mostra a distribuição correspondente aos respectivos diâmetros da abertura.

Os elementos apresentados na Fig. 14 permitem concluir que são mais frequentes as taças com diâmetros entre os 20 a 25 cm, sejam elas de carena alta ou média. Estes exemplares de maiores dimensões serviriam para a preparação de refeições, podendo ir ao lume, enquanto que as taças de menores dimensões, com diâmetros entre os 15 a 20 cm, serviriam para beber.

As restantes formas cerâmicas identificadas são residuais e correspondem à 8,6% de taças em calote, 7,2% de taças de perfil suave e 0,7% de esféricos.

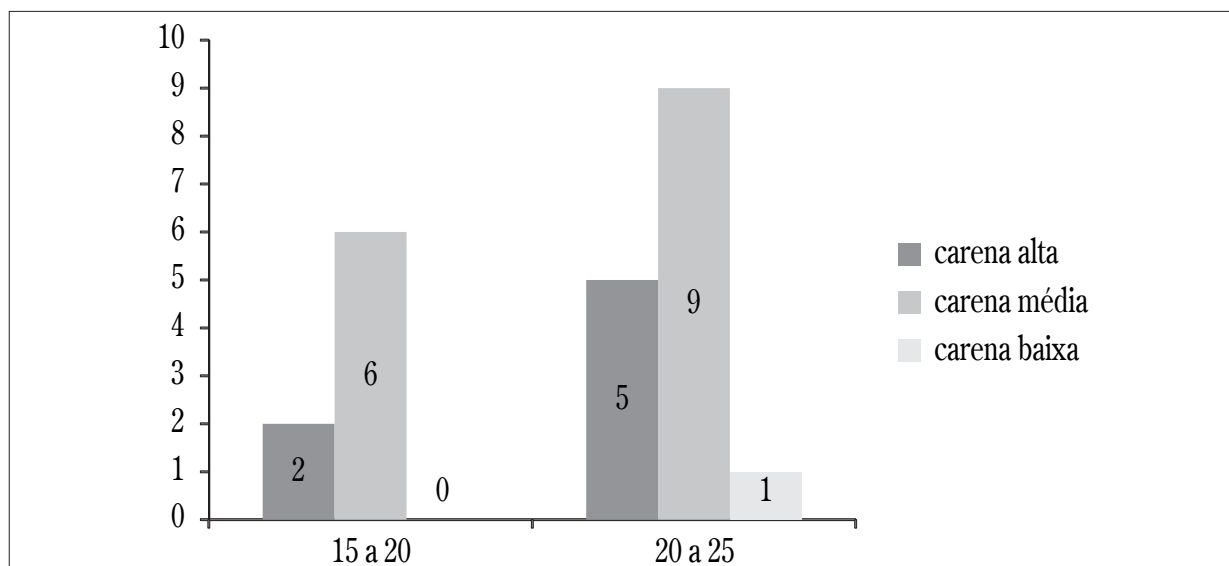


Fig. 14 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Gráfico relativo aos diâmetros das aberturas das taças carenadas (em cm).

Em suma, o conjunto das cerâmicas lisas do Bronze Final da Rua das Alcássimas, tal como os identificados na vizinha estação do Abrunheiro (Oeiras), bem como na Tapada da Ajuda (Lisboa), reflecte a predominância das formas fechadas – geralmente associadas a funções de armazenagem, conservação e transporte de alimentos – sobre as formas abertas, estas relacionadas com a preparação e consumo de alimentos.

3.1.2 – Cerâmicas decoradas

O importante conjunto das cerâmicas decoradas, integralmente representado por exemplares com a decoração dita de “ornatos brunidos”, todos eles executados na face externa dos recipientes, totaliza 34 fragmentos, dos quais 8 conservam bordo. A sua distribuição pela área escavada apresenta-se na Fig. 1.

Foram observadas, nos exemplares identificáveis, as seguintes formas:

- **Taças carenadas**

- Carena alta: 1 exemplar (Fig. 16, n.º 7);
- Carena média: 1 exemplar (Fig. 15, n.º 19).

- **Potes**

- Colo mais ou menos anguloso: 8 exemplares (Fig. 15, n.ºs 4, 8, 9, 16; Fig. 16, n.ºs 2, 5, 6 e 13; Fig. 18, n.º 3);
- Bordos de paredes subverticais: 2 exemplares (Fig. 16, n.º 1 e 4; Fig. 18, n.º 2);
- Indeterminados: 22 exemplares.

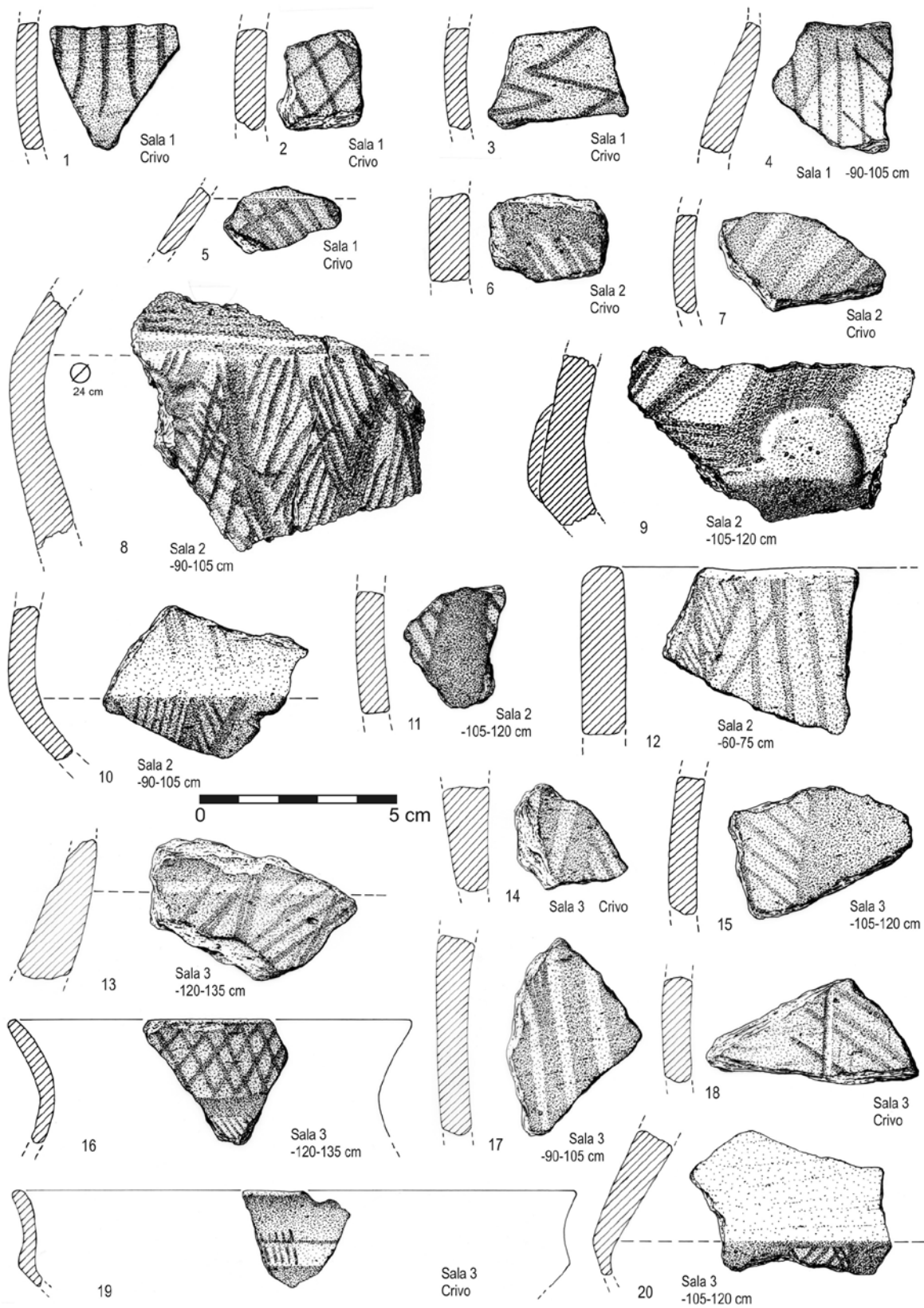


Fig. 15 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Cerâmicas com ornatos brunidos na face externa do Bronze Final.

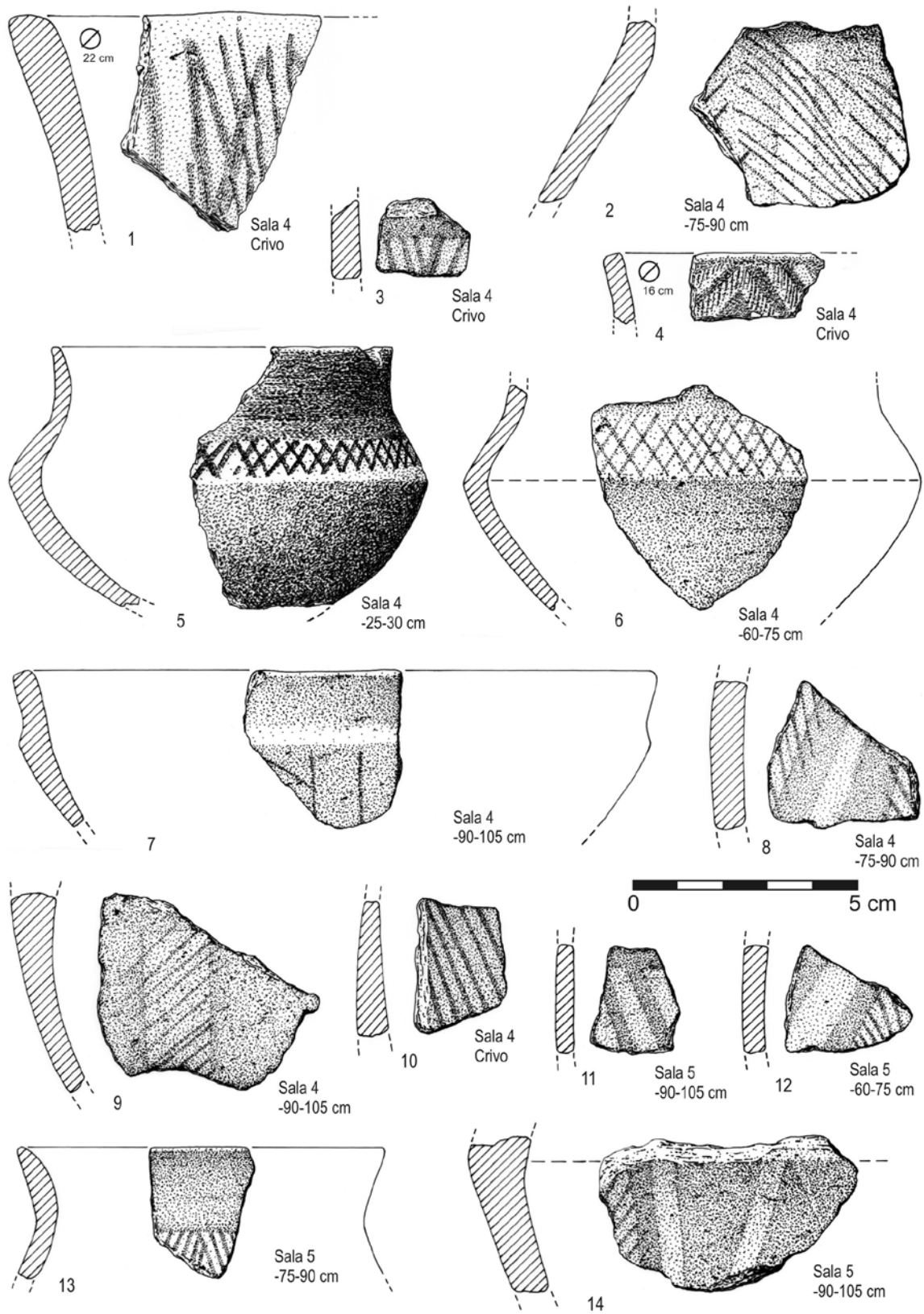


Fig. 16 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Cerâmicas com ornatos brunidos na face externa do Bronze Final.

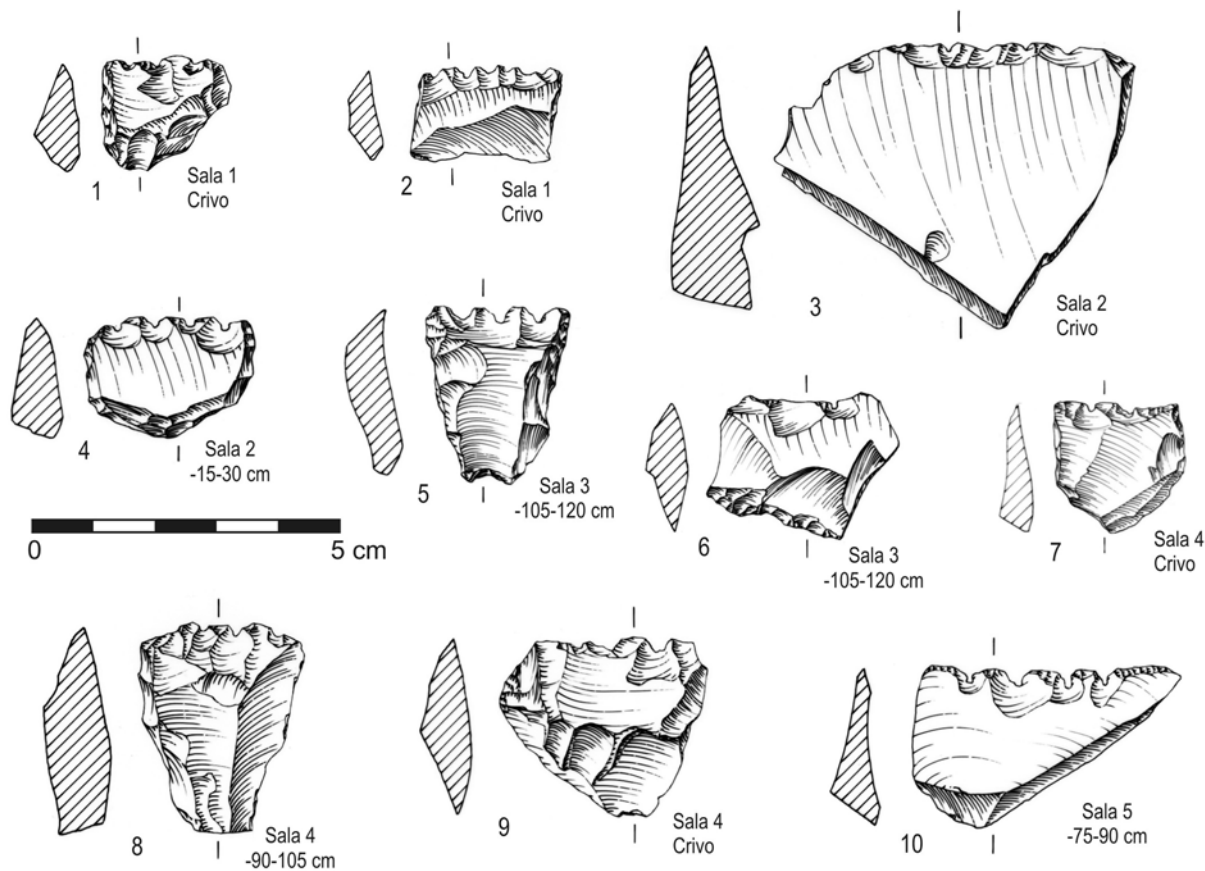


Fig. 17 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Elementos de foice com fio denticulado, sobre lascas de sílex, do Bronze Final.

Verifica-se que a maioria dos fragmentos decorados corresponde a potes, com 32,4%, seguido das taças carenadas. O número elevado de formas indeterminadas deve-se ao assinalável estado de fragmentação que os exemplares apresentam, como é usual em contextos domésticos.

Os escassos fragmentos recolhidos no subsolo do centro histórico de Oeiras, na área depois ocupada pela *villa* romana ali existente, afiguram-se em tudo idênticos aos recolhidos na Lapa do Fumo (Sesimbra), sítio que está na origem da designação de “Cerâmicas tipo Lapa do Fumo”, por terem sido ali pela primeira vez valorizadas, ainda que erradamente, pois atribuíam-se as decorações a pinturas, e não à técnica brunida (SERRÃO, 1959). Com efeito o notável conjunto ali exumado, ulteriormente objecto de reapreciação (CARDOSO, 1995 a), corporiza as características dos conjuntos estremenhos, onde as decorações se apresentam exclusivamente ou quase na face externa dos recipientes, incluindo nas formas abertas, ao contrário do que se observa no conjunto das produções homólogas do Alentejo, nas quais as taças ostentam frequentemente decorações na face interna (GAMITO, 1990-1992), fazendo a transição para as produções do litoral da Andaluzia, que atingem a Idade do Ferro.

3.2 – Indústrias líticas

Este grupo encontra-se representado por 10 lascas de sílex acinzentado, de origem local, possuindo um dos bordos denticulados, com a intenção de se obterem elementos de foices, que seriam depois encabados em supores de madeira (Fig. 18).

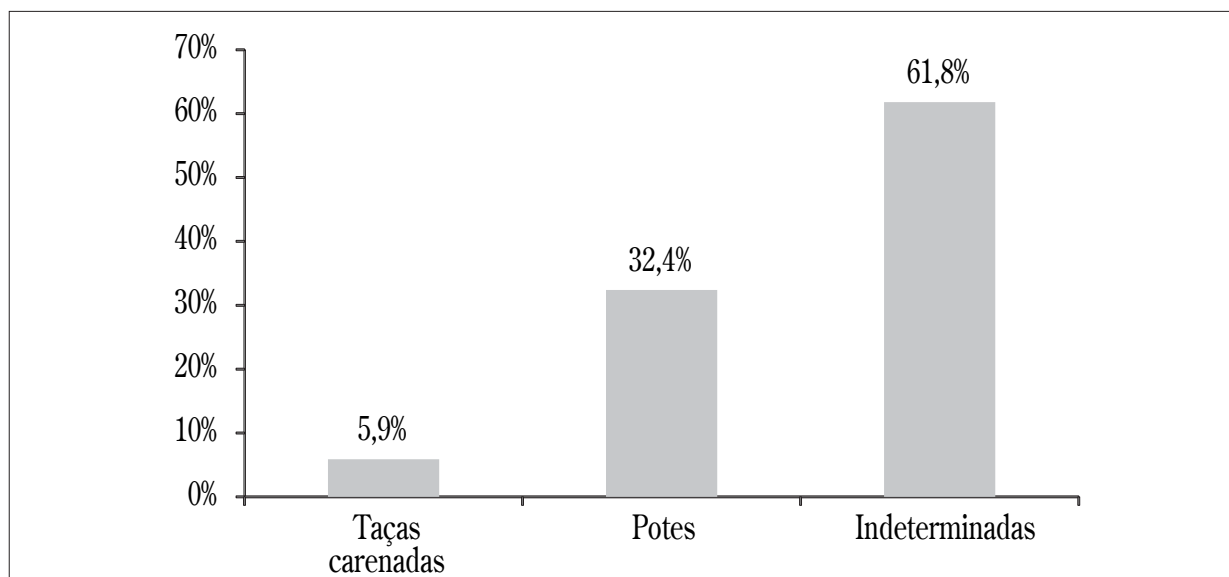


Fig. 18 – Rua das Alcássimas (Oeiras). Formas dos recipientes decorados por ornatos brunidos.

A presença destes elementos é muito frequente nos sítios abertos do Bronze Final da região, sejam pequenos povoados de encosta, como a Tapada da Ajuda (Lisboa), sejam sítios de menores dimensões, atribuídos a casais agrícolas de raiz familiar, como é o caso do Alto das Cabeças (CARDOSO & CARDOSO, 1996) e do Abrunheiro (CARDOSO, 2010-2011 a), situados a norte da vila de Oeiras e pertencentes a este concelho. A implantação destes sítios em solos basálticos, de alta aptidão para a cerealicultura, como se verificou até à década de 1950, quando tais terrenos começaram a ser ocupados por urbanizações, explica a presença de tais peças. Estas, como na Tapada da Ajuda, ascendem a centenas de exemplares, o que permite concluir que as produções cerealíferas (por certo o trigo) ultrapassavam largamente as necessidades da comunidade ali instalada. Situação semelhante observa-se em sítios de menores dimensões, como os do aro oeirense acima referido. Deste modo, é lícito admitir que a produção intensiva e extensiva de cereais seria destinada a permuta, entrando no circuito comercial transregional (CARDOSO, 1995 b, 1996 b).

3.3 – Pente de marfim

Na campanha de 2004, recolheu-se um fragmento de pente de marfim na Sala 2 (ver Fig. 3), com pelo menos um furo para suspensão, com a altura de 3,0 cm e dentes de forma triangular alongada (Fig. 19, n.º 1). Ambas as faces encontram-se decoradas por circunferências concêntricas, comuns em contextos de diversas épocas. Tendo presente a coexistência, às mesmas profundidades, de espólios da Idade do Ferro e do Bronze Final, e verificando-se analogia evidente com um exemplar do Cabeço de Vaiamonte, Monforte (GOMES, 1990, Fig. 10, H), decorado igualmente por circunferências concêntricas em ambas as faces. Inicialmente, este exemplar foi reportado à Idade do Ferro, ainda que sem quaisquer indicações estratiográficas, e apenas porque naquele *oppidum* ocorrem espólios daquela época, critério que explica ter sido a peça oeirense também reportada à Idade do Ferro (CARDOSO, 2011, p. 122). Contudo, indagações posteriores permitiram verificar que naquele importante povoado alentejano, existem também espólios da Idade do Bronze, ainda não publicados; e recentes trabalhos vieram reforçar a conclusão de que o pente ali recolhido deveria com maior probabilidade ser

reportado ao Bronze Final. Com efeito, logo em 2002 o exemplar do Cabeço de Vaiamonte foi atribuído ao período pré-colonial (TORRES ORTIZ, 2002, p. 250). Nesta perspectiva, importa destacar o exemplar de Huelva, atribuído ao período entre 900 e 770 a.C., coevo das primeiras presenças de materiais fenícios na Península Ibérica identificadas naquele império pré-colonial. O exemplar ali recolhido, encontra-se também decorado por círculos concêntricos em ambas as faces (GONZÁLEZ DE CANALES, SERRANO PICHARDO & LLOMPART GÓMEZ, 2004, Lám. 67, n.º 3), que se junta ao conjunto de pentes de marfim com tais decorações recolhidos em contextos coevos da

Andaluzia, da Sicília, sul de Itália e Chipre (ARRUDA, 2015). Deste modo, existem fundadas razões para considerar o exemplar oeirense como coevo do Bronze Final (CARDOSO, 2015).

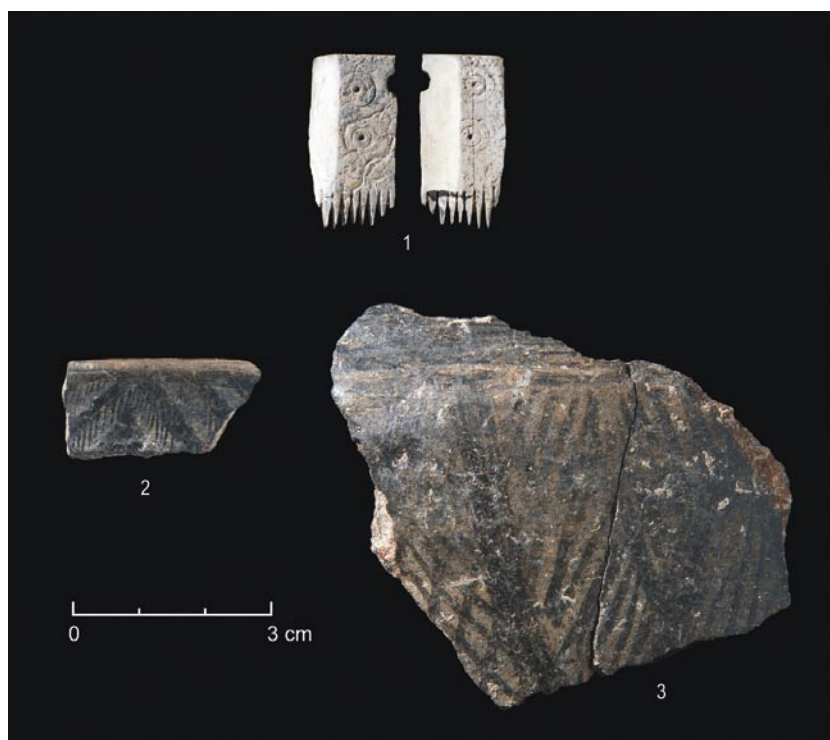


Fig. 19 - Rua das Alcássimas (Oeiras). 1 - pente de marfim; 2 e 3 - fragmentos de cerâmicas com ornatos brunidos do Bronze Final (ver Fig. 15, n.º 8 e Fig. 16, n.º 4).

4 - DISCUSSÃO

Partindo do princípio, com base nos argumentos acima aduzidos, de que a maioria das produções cerealíferas obtidas intensiva e extensivamente em sítios abertos, como os dois já publicados do concelho de Oeiras, a que se soma agora o do Centro Histórico de Oeiras, seria necessário admitir a existência de um poder exercido por um determinado segmento da população – as chamadas elites –, a quem caberia a administração dos recursos e o controle da circulação no espaço geográfico em apreço, estendido à generalidade da chamada península de Lisboa.

Naturalmente, que esse segmento da população não seria numeroso, dado que os sítios com povoamento de altura conhecidos na região, à semelhança dos identificados na Beira Interior, pouca gente poderiam albergar: veja-se o caso do Monte do Frade, Penamacor (VILAÇA, 1997). Alguns destes sítios de altura poderiam mesmo ter características especializadas, as quais, por tal motivo, os tornavam importantes: é o caso da Penha Verde e do Penedo do Lexim, que poderiam relacionar-se com a manipulação do ouro, pois em ambos os sítios foram vários os ponderais recuperados, com diversas dimensões (CARDOSO, 2010-2011 b; CARDOSO, 2015). A filiação de tais ponderais num sistema de pesagem ugarítico (VILAÇA, 2011) é hipótese que recolhe confirmação nos materiais inquestionavelmente oriundos do Mediterrâneo oriental, no casco histórico de Huelva. Tal comércio era já uma realidade nos finais do século X/inícios do século IX a.C., como

bem documentam os espólios encontrados (GONZÁLEZ DE CANALES, SERRANO PICHARDO & LLOMPART GÓMEZ, 2004), coevos do Bronze Final da região em apreço.

Assim, é possível que em troca de cereais, as populações locais pudessem abastecer-se de adereços importados, como é o caso do pente de marfim recolhido em Oeiras, da fíbula de cotovelo recolhida no Abrunheiro, ou ainda da conta de cornalina do Alto das Cabeças, matérias-primas a que se poderia juntar o âmbar, sob a forma de pingentes e de contas conhecidas em diversas estações da região de Lisboa (CARDOSO, 2015).

Para além dos objectos de carácter sumptuário, havia matérias-primas cuja presença na região em apreço só pode explicar-se pela existência de excedentes que suportassem as permutas realizadas. É o caso do cobre e do estanho, oriundos respectivamente do Alentejo e das Beiras, cuja manipulação para a produção de artefactos de bronze encontra paradigma no molde de arenito para fundição de foices de talão, encontrado no campo, em Casal de Rocanes, Cacém (FONTES, 1916).

Para coordenar esse comércio nascente seria necessária a existência de uma estrutura de poder político emergente, mas que nada poderia ter a ver com a noção clássica de elites sediadas em sítios altos e de onde coordenavam a actividades da restante população, dispersa pelos campos agrícolas adjacentes. Na verdade, poderia tal estrutura residir no seio de cada conjunto de casais agrícolas ou pequenos povoados, unidos por laços de parentesco. Tais unidades político-administrativas poderiam ter-se estabelecido, na região, de uma forma partilhada, uma vez que os habitantes de cada um daqueles núcleos, que era quem as suportava, comungavam dos mesmos interesses.

Assim, sem prejuízo de se poderem valorizar locais implantados em sítios altos, aliás escassos na região em apreço, ou ainda muito mal conhecidos – como é o caso do Cabeço da Amoreira, Odivelas (BOAVENTURA, PIMENTA & VALLES, 2013), a gestão dos recursos e a sua colocação nos circuitos transregionais poderia ser coordenada colegialmente pelos elementos dominantes de cada comunidade, coordenados entre si, dispensando assim a existência de locais centrais, cuja existência, apesar de possível, é problemática, pelo menos na região que nos interessa, já que só mais a Norte, já fora da zona ribeirinha do Tejo, tais sítios se afiguram mais evidentes na paisagem (SOUSA, 2016).

Nestes termos, o significado da presença das produções cerâmicas com ornatos brunidos deve ser repensada. Tais produções ocorrem na maioria dos sítios elevados da região, elencados em trabalho anterior (CARDOSO, 2015), que configurariam uma etapa tardia do Bronze Final regional, situável entre os séculos XI e IX a.C. (Bronze Final II), compatível com a cronologia dos povoados de altura do Bronze Final da Beira Interior, onde também se recolheram fragmentos de tais cerâmicas. Em abono da cronologia recente das produções de ornatos brunidos, valorizou-se a Tapada da Ajuda, único povoado datado do Bronze Final I da região a norte do Tejo, pois a sua cronologia obtida inscreve-se entre meados do século XIII e meados do século XI a.C. (CARDOSO, 2015, Fig. 22), confirmada por datação por AMS recentemente obtida:

Wk-35559 – 2932 ± 25 BP resultado que, para uma probabilidade de 95,4% corresponde ao intervalo 1259-1046 cal BC, com recurso ao Programa OxCal 1.7).

A reforçar tal modelo, o recente estudo da estação do Abrunheiro (CARDOSO, 2010-2011 a), veio provar que, não obstante tratar-se de ocupação da fase tardia do Bronze Final, conforme indica a datação de radiocarbono obtida, tais produções eram completamente desconhecidas, conclusão com significado próprio, tendo presente as centenas de fragmentos compulsados. Nestes termos, fazia sentido admitir que a emergência dos sítios de altura na região da Baixa Estremadura onde tais cerâmicas se encontravam presentes, teria tido lugar na fase mais moderna do Bronze Final (condizente com a sua ausência na Tapada da Ajuda) e, sendo

produções requintadas, faria sentido a concentração em tais lugares, em detrimento dos casais agrícolas abertos, ocupados pelo segmento mais indiferenciado das comunidades.

Este modelo foi, a breve trecho confrontado pelo facto daquelas produções cerâmicas serem conhecidas na Quinta do Percevejo, Almada (BARROS & ESPÍRITO SANTO, 1991), casal agrícola da margem esquerda do estuário do Tejo cuja cronologia absoluta aponta para ocupação coeva da Tapada da Ajuda (CARDOSO, 2015, Fig. 22), o que parece contrariar o modelo proposto, tanto no respeitante à relativa modernidade de tais cerâmicas, que ascenderiam pelo menos ao século XIII a.C., como no respeitante à natureza das estações onde ocorrem.

5 - CONCLUSÃO

É nos termos da discussão acima apresentada que a ocorrência abundante, no Centro Histórico de Oeiras, de cerâmicas de ornatos brunidos deve ser equacionada. Tratando-se de sítio aberto, é provável que esteja relacionado com um casal agrícola, explorando os férteis terrenos aluvionares da veiga da ribeira da Laje, situada defronte e, ao mesmo tempo, os solos basálticos existentes na parte mais alta da encosta e a nascente, nos locais designados por Espargal, Moinho das Antas e Quinta da Figueirinha. Pelo facto de não se tratar de um sítio alto, a presença destas produções, com evidente qualidade, deve ser interpretada no quadro social das comunidades agro-pastoris que se dispersavam pelos terrenos basálticos da região a Oeste de Lisboa, as quais, teriam em si mesmas as capacidades endógenas de se gerirem os recursos por si produzidos, em estreita coordenação com as demais. Não se trataria, assim, de um segmento menos favorecido da sociedade aquele que se dedicava de forma intensiva e extensiva à exploração agro-pastoril destes férteis terrenos, mas sim uma de muitas comunidades, que, em situação de igualdade, administravam, de forma integrada, os recursos por si gerados. E foram os excedentes assim produzidos que permitiram a obtenção, tanto de de matérias-primas oriundas do interior do território, como o cobre e o estanho, para a produção de instrumentos necessários ao seu próprio desenvolvimento económico (foices de bronze), como de objectos sumptuários identificados em alguns destes casais agrícolas, explicados pela chegada dos primeiros comerciantes mediterrâneos, com carácter continuado.

AGRADECIMENTOS

A Maria da Conceição André (CEACO/CMO) pela colaboração prestada no decurso das escavações e a Filipe Martins (CEACO/CMO) pelo tratamento estatístico das formas cerâmicas identificadas.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. M. (2015) – Intercultural contacts in the far west at the beginning of the 1st millennium BC: through the looking-glass, in the Mediterranean mirror. *Cultural contacts in the Mediterranean sea between 1200 and 750 BC*. Mainz: Verlag des Römisch-Germanisches Zentralmuseum. Band 20, p. 269-283.
- BARROS, L. B. & ESPÍRITO SANTO, P. (1991) – Quinta do Percevejo – Almada. Uma intervenção de emergência. *IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 333-342.
- BOAVENTURA, R., PIMENTA, J. & VALLES, E. (2013) – O povoado do Bronze Final do Castelo da Amoreira (Odivelas). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 623-640.

- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, J. L. (1996 b) – O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 351-359.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. M. (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. M. (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. (1995 a) – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1995 b) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra. 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1996 a) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 361-366.
- CARDOSO, J. L. (1996 b) – O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa. In *De Ulisses a Viriato, o primeiro milénio a. C.* (1996) (coord. Jorge de Alarcão). Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 73-81.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011 a) – O casal agrícola do Bronze Final do Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011 b) – A ocupação do Bronze Final do povoado pré-histórico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 579-590.
- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do concelho de Oeiras do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Between the Atlantic and the Mediterranean: the Late Bronze Age around the Tagus estuary (Portugal). Economic, social and cultural aspects. *Rivista di Scienze Preistoriche*. Firenze. 65, p. 149-170.
- FONTES, J. (1916) – Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21, p. 337-347.
- GAMITO, T. J. (1990- 992) – A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 277-297.
- GOMES, M. V. (1990) – O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal: *smiting gods* ou deuses ameaçadores. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 53-106.
- GOMES, M. V., CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) – O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 367-406.
- GONZÁLEZ DE CANALES CERISOLA, F.; SERRANO PICHARDO, L. & LLOMPART GÓMEZ, J. (2004) – *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 900-770 a.C.)*, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- SERRÃO, A. C. (1959) – Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo. *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas e Memórias. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 337-359.
- SOUSA, E. (2016) – Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa. In SOUSA, A. C., CARVALHO, A. & VIEGAS, C. (ed.) – *Terra e água Escolher as sementes, invocar a deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 387-401.
- TORRES ORTIZ, M. (2002) – *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- VILAÇA, R. (1997) – Uma nova leitura para o Monte do Frade (Penamacor). *Conimbriga*. Coimbra. 36, p. 27-44.
- VILAÇA, R. (2011) – Ponderais do Bronze Final-Ferro Inicial do Ocidente peninsular: novos dados e questões em aberto. In GARCÍA-BELLIDO, M. P.; CALLEGARIN, L. & JIMÉNEZ DÍEZ, A. (eds.) – *Barter, Money and Coinage in the Ancient Mediterranean (10th-1st centuries BC)*, Anejos de AEspA. Madrid. 58, pp. 139-167.